

A fidelidade de Jesus prova a justiça de Deus... e a nossa fidelidade?

Texto: Romanos 3.21-26

Introdução

Paulo escreveu a sua Carta aos Romanos no final da sua carreira quando planejava mais uma viagem missionária, esta vez para a Espanha. Quando ele escreveu a carta, ele não conhecia pessoalmente a cidade Roma, muito menos as igrejas que estavam lá. Mas conheceu por ouvir falar porque eram justamente os seus colegas de trabalho na fabricação de lonas e barracas, Priscila e Áquila, que haviam estabelecido aquelas igrejas. Por causa disto Paulo queria visitar e conhecer estes seus irmãos e irmãs na fé mais de perto no seu caminho para a Espanha. Mas antes desta visita para Roma e sua viagem subsequente para Espanha, Paulo tinha uma tarefa que precisava terminar: entregar uma oferta para os cristãos mais carentes em Jerusalém, uma oferta que juntava durante alguns anos.

Por que Paulo escreveu esta carta tão longa para estes cristãos em Roma? Se fosse só para anunciar a sua visita bastava meio capítulo, ou no máximo, um a dois capítulos. E, de fato, no início de capítulo 1 e no final de capítulo 15, ele disse, com todas as letras, que vai visitá-los. Capítulos 16 são saudações dos e para os seus amigos e colegas de trabalho. E o resto de Romanos? Porque escreveu? Bem, de certo modo, Paulo dá alguns conselhos a respeito de problemas específicos das igrejas em Roma nos capítulos 12, 13 e 14. Assim, conseguimos dar conta de 25% da carta. Mas ainda sobra a segunda metade do capítulo 1 e todos os capítulos 2 a 11. Por que Paulo escreveu uma carta tão longa e densa em citações bíblicas para uma igreja que ele nem conhecia pessoalmente?

A resposta a esta pergunta se revela no conteúdo daquilo que ele escreveu. Basicamente Romanos 1 a 11 contam o grande plano de Deus para a salvação do mundo, isto é, o mundo inteiro, tanto judeus quanto não judeus. Quando Paulo escreveu esta carta, os cristãos de modo geral sabiam que esta salvação era para todos, não apenas os judeus. Nisto havia acordo geral. Mas não havia acordo sobre a maneira como os não judeus deveriam fazer parte do povo de Deus. Novamente, todos os cristãos concordavam que Jesus era o messias e que ele constituía a cabeça deste povo de Deus, que chegava a ser conhecido como “igreja”. Concordavam que Jesus era o Senhor e concordavam que foi por meio dele que Deus estava salvando todos, judeus e não judeus. Mas muitos cristãos, especialmente em Jerusalém acreditavam que os cristãos de origem não judia deveriam obedecer a lei, o que sempre era pré-requisito para inclusão no povo de Deus, até mesmo antes de Jesus. Paulo acreditava diferente e Romanos, mais que todas as suas outras cartas, com a exceção talvez de Gálatas, é o lugar onde ele mais defende a inclusão dos não judeus como povo de Deus, sem ter que

cumprir o pré-requisito da lei, especialmente a circuncisão. Para apresentar esta sua perspectiva e sustentá-la bem nas escrituras, Paulo escreve estes capítulos 1 a 11 de Romanos porque com o apoio dos romanos, Paulo seria mais fortalecido na sua visita para os cristãos em Jerusalém, muitos dos quais discordavam com o ponto de vista de Paulo.

Muito bem, sabemos agora porque Paulo escreveu Romanos e um pouquinho do que tratam estes primeiros 11 capítulos. Mas como encaixa a nossa passagem dentro destes capítulos. Vamos falar um pouco sobre isto (favor abram as suas Bíblias para Romanos para me acompanhar)...

O problema que muitos cristãos judeus tinham com a perspectiva de Paulo, que os não judeus não precisavam se circuncidar, era que esta perspectiva não parecia justa. Por séculos os judeus eram exortados a obedecerem a lei, que era a instrução sobre a vida toda dada milagrosamente por Deus. E agora, os não judeus que experimentavam a salvação não precisavam obedecê-la? Parecia um absurdo. Então Paulo teria que mostrar convencentemente que nisto Deus era justo sim. E era por isso que Paulo fala do *evangelho*, as boas novas que Jesus ressuscitou, como o maior exemplo da justiça de Deus. Isto ele fez em Romanos 1.1-17 (marque na sua Bíblia). Depois, numa longa passagem que começa em 1.18 e só termina em 3.20, Paulo nos mostra o outro lado da moeda, a ira de Deus, que se manifesta contra todas as pessoas porque ninguém anda de acordo com a imagem de Deus nele embutida (marque também na sua Bíblia), ninguém realiza o seu potencial. Nesta passagem, aprendemos que todos os seres humanos, de toda raça e toda posição social, de toda crença e cultura, judeus e gentios, os imorais e os moralizadores, os religiosos e os irreligiosos, todos, sem exceção, são pecadores, culpáveis, indesculpáveis e sem palavras diante de Deus. Esta é a terrível situação da humanidade descrita nos primeiros três capítulos de Romanos. Sem raio de luz, sem faísca de esperança, sem perspectiva de resgate.

Frente a este quadro devastador, Paulo introduz esta terceira seção da sua carta aos Romanos, que volta à justiça de Deus. Esta passagem começa em Romanos 3.21 e termina no final do capítulo 4. Apresenta a *solução* para a *injustiça* abrangente: a *graça* abundante de Deus revelada na cruz de Cristo e fora da lei (3.21-26), defende esta solução contra as críticas (3.27-31) e exemplifica a solução na vida de Abraão (capítulo 4).

A transição é indicada pela frase, “mas agora”. A ira de Deus, que a sua origem no Deus de justiça, se manifesta contra toda a injustiça, condição endêmica de toda a humanidade, gentios e judeus também. Então, o que acontece diante de situação tão destadora? Diante de tanta injustiça e a precariedade da condição humana, Paulo diz, “*mas agora*, independentemente da lei, a justiça de Deus chegou(!), e a lei e os profetas dão testemunho disto” (3.21).

Passagem Importante! Este parágrafo é muito denso em significado e nuances. Um grande estudioso australiano da Bíblia que eu respeito muito (Leon Morris) chegou ao ponto de dizer que é o parágrafo mais importante que jamais foi escrito. Eu iria acrescentar que esta passagem talvez seja a passagem mais importante que contribuiu para a Reforma Protestante. Mesmo assim, embora os reformadores tenham avançado muito na sua compreensão destes versículos, nem eles acertaram em cheio o seu significado. É uma passagem difícil que exige muito trabalho e concentração da nossa parte. Vocês topam o desafio? Podemos trabalhar um pouquinho?

Vamos começar fazendo uma tradução de Romanos 3.21-22 explicando a razão por que escolhemos traduzir desta maneira, e depois faremos uma exposição do pensamento de Paulo contido nestas palavras.

Tradução. Raramente achamos necessário fazer uma tradução, mas tanto a importância de “acertar” nesta tradução quanto a densidade de idéias e diversidade de opções de interpretação nos fazem esta exigência. Para ter uma idéia melhor, apresentamos uma tradução bem mais “ao pé da letra”. As palavras entre colchetes são acréscimos ao texto original, incluídas só para completar a idéia. Veja a seguir:

²¹ Mas agora, independentemente da Lei, a justiça de Deus se manifestou, sendo confirmada pela Lei e os Profetas. ²² Isto é, a justiça de Deus pela fidelidade de Jesus para todos e sobre todos que exercem fidelidade. Porque não há diferença [entre gentio e judeu].

1. Tratamos as Escrituras sempre diante do seu cumprimento em Jesus.

A segunda parte do verso 21 é clara: as Escrituras (“a Lei e os Profetas”) dão testemunho da justiça de Deus. Mais especificamente, Paulo está se referindo à *maneira como* esta justiça se manifestou, pelas Escrituras, se bem que ainda não nos deu uma lista de referências bíblicas. Por enquanto, basta dizer que a justiça de Deus se revela na cruz de Cristo. Por enquanto, Paulo apenas afirma que são *as Escrituras* e não a sua própria criatividade que dão testemunho da justiça de Deus. Logo em seguida Paulo apresentará algumas passagens específicas das Escrituras que exemplificam esta afirmação.

Este versículo ecoa a afirmação anterior de Paulo em Romanos 1.17 e de certa maneira, conclui os argumentos que ele apresentou desde 1.18 até aqui (leia). A diferença entre as duas passagens é que Paulo agora afirma na primeira parte de 3.21 que enquanto as Escrituras (“a Lei e os Profetas”) dão testemunho da justiça de Deus, isso ocorre *independentemente da Lei*. Como entender estas duas frases: a justiça de Deus é tanto confirmada pela Lei e os Profetas, como a justiça de Deus se manifesta independentemente da Lei? Tipicamente os estudiosos

entendem que as duas referências a lei (*nomos*) no mesmo versículo significam duas coisas diferentes. E assim eles “resolvem” a discrepância, sendo que a primeira referência seria para ao legalismo enquanto a segunda seria para as Escrituras. Apesar desta interpretação combinar com a nossa teologia, linguisticamente não é uma boa solução. Melhor seria reconhecer que Paulo, com sua longa tradição como intérprete da lei (antes como fariseu e agora como discípulo) dentro do judaísmo, entende que a referência à palavra *nomos* em grego reflete seu uso da palavra hebraica, *torá*. A princípio, pode parecer que isto não resolve nada já que *torá* também pode se referir tanto às Escrituras quanto à “lei”. Mas o importante é reconhecer que não são duas coisas necessariamente distintas. E creio que é isso que Paulo está pensando em Romanos 3.21: que as Escrituras (mais “completas” pois são não só a Lei mas também os Profetas¹) dão testemunho da justiça de Deus, mas isto “independentemente” da Lei. Ainda parece contraditório, não é verdade? Entretanto, é preciso pensar como um judeu antigo, especificamente como Paulo. E a melhor analogia talvez seja de Gálatas 3.6-14 onde a cruz de Cristo é apresentada tanto como cumprimento das Escrituras (Gl 3.14; compare com 3.6-9) e por isso testemunhada pelas Escrituras, quanto condenada pelas Escrituras, por isso, “independentemente” da Lei (Escrituras, veja Gl 3.13, compare com Gl 3.10-12).

Uma das razões por que é importante ver este duplo papel da Lei é porque Paulo vai ter que, pelas Escrituras, se contrapor à posição de outros que mantêm uma outra perspectiva da justiça de Deus pela Lei, e eles também citam as Escrituras. *Tudo isto ilustra bem a imensa necessidade de usar as Escrituras de modo correto*. Lembrem também do uso das Escrituras pelo diabo na tentação de Jesus. Não podemos simplesmente dizer que as Escrituras dizem tal e tal coisa e assim nós devemos seguir. Porque inerente às Escrituras está a sua maneira de olhar *sempre para frente*. As Escrituras são “lei” não da mesma maneira seca e crua que o nosso Código Civil. Nas Escrituras, promessas anteriores são cumpridas *mais para frente*. O Código Civil como Lei focaliza o que está escrito ao pé da letra para aplicação no presente. A sua execução é para agora. As Escrituras como lei focaliza o futuro. A sua execução visa cumprimento além do que está escrito. Logo, estaremos abusando das Escrituras (como os inimigos de Paulo estavam fazendo) se citarmos algo no passado *sem levar em conta como isto já pode ter sido ou será cumprido...ou não*.

As Escrituras revelam o cumprimento da justiça de Deus e este cumprimento não estava na época das Escrituras. Seu cumprimento estava em Jesus, anos depois, que para nós já é passado. Disto podemos estar seguros.

Isto significa que nós, como Paulo e todos os autores do Novo Testamento, ao ler as Escrituras precisamos sempre perguntar: como isto foi cumprido em Jesus, ou ainda resta algo para

¹ Os rabinos acreditavam que, se a Lei ou o que nós chamamos de Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia, fosse obedecida por Israel, os Profetas não seriam necessários. Desta forma, os Profetas são vistas como necessárias para “completar” a Lei.

frente? A linha divisória entre uma vida cristã guiada por regras e uma vida cristã guiada pela graça de Deus está nesta pergunta. Como foi cumprido em Jesus? Pode escrever na sua pulseira junto com a outra pergunta chave: o que faria Jesus no meu lugar? Assim viveremos.

2. A nossa fé/fidelidade tem base na fé/fidelidade de Jesus

Versículo 22, em muitas traduções, diz que Deus nos aceita, isto é, ele nos justifica ou nos transforma em pessoas justas, por causa da nossa fé em Jesus. E isto se tornou grito de guerra da Reforma Protestante, em forma da frase, *sola fidei*. Entretanto, tanto esta tradução do versículo está errada quanto a teologia que ela expõe está errada. Agora se você for um pouquinho esperto, tem alguma criação dentro da igreja e sabe o bê-a-bá da teologia evangélica, você muito bem pode achar que eu, na melhor de hipóteses, pirei. Na pior, estou expondo heresia. Por isto, peço a sua paciência.

Primeiro, o versículo afirma que a justiça de Deus se manifestou por algo que *Jesus* fez (3.22), não algo que eu faço. E este algo que Jesus fez, e não eu, é fé...ou fidelidade. Paulo se refere à palavra “fé” duas vezes neste versículo, primeiro, na forma de substantivo (“fé” ou “fidelidade”) e depois, como verbo (“ter fé”, “crer”, “ser fiel”). A gramática praticamente exige que a primeira referência seja possessiva e não locativa (no grego é genitivo, não dativo): “fé/fidelidade de Jesus” e não “[nossa] fé em Jesus”. A fé ou a fidelidade, neste caso, pertence a Jesus. Mas a segunda referência não é substantivo, é verbo, e não pertence a Jesus. Pertence à palavra, “todos”. Seria “todos que crêm (ou que são fieis)”. Todas as traduções acertam esta segunda referência mas a grande maioria erra a primeira. A tradução ao pé da letra, seria: “E a justiça de Deus [se manifestou] pela fé/fidelidade de Jesus para todos e sobre todos que têm fé/fidelidade. Pois não há distinção [entre gentio e judeu].” Pronto, agora como entendemos isto? O que Paulo está dizendo? Vamos ver em sequência...

Primeiro, o evangelho, as boas notícias, revela a justiça de Deus, e isto é para todos que tem *pistis*, fé, ou fidelidade (Rm 1.16), porque *pistis* é como Deus “justiça-fica” (Rm 1.17). Mas este estilo de vida, a vida de *pistis*, nunca apareceu de modo puro e completo antes de Jesus. Todos eram e são injustos (isto é, falta de fé no sentido de fidelidade), os não-judeus (Rm 1.18-2.16), e também os judeus, mesmo tendo a lei, são injustos (Rm 2.17-3.8), isto é, todos tudinho (Rm 3.9-20)! Entretanto, não nos desesperemos, pois um novo tempo já chegou quando a justiça de Deus se manifestou, conforme as Escrituras, mas não como você imagina, seguindo as regras da Lei como a circuncisão e tais coisas (Rm 3.21). Finalmente a vida de fidelidade é possível porque Jesus já se mostrou fiel, fiel em tudo até mesmo morte na cruz. E porque ele morreu numa cruz, que era feito de madeira, ele morreu com uma condenação no seu pescoço, porque a Lei diz “maldito seja todo aquele que for pendurado (morreu) em madeiro”. Assim, a justiça de Deus se manifestou na morte e ressurreição de Jesus que foi fiel até a morte, mas isto aconteceu tanto *independentemente* da Lei (que condenava esta forma de

morte) quanto em cumprimento da Lei ou das Escrituras que previa que Deus endireitaria, faria justiça, tanto os judeus quanto os não judeus. Como faria isto? Por Deus mesmo se encarnar em Jesus para nos mostrar como podemos viver de modo fiel, isto é, pela fé.

Esta tradução deixa mais patente o que as Escrituras dizem em outros lugares, a saber, que a fé e a fidelidade são uma e a mesma coisa. Obediência a Deus flui da fé (Ef 2.8-10; Hb 3.18-19 Revista e Atualizada). Não é uma orientação *externa* (a lei escrita) que gera fidelidade, mas algo *interior*, a transformação resultante de estarmos em Cristo. Por isso, Paulo queria tanto e exclusivamente conhecer Jesus como o alvo da sua vida. Pois conhecendo Jesus, poderá conhecer o segredo da vida de fé, uma vida de fidelidade. Somente conhecendo mais e mais Jesus.

Conclusão. A justificação é o alvo do evangelho e é exclusiva do cristianismo. Nenhum outro sistema religioso ou ideológico proclama um perdão gratuito e uma vida nova para aqueles que nada fizeram por merecer, mas pelo contrário, mereciam mesmo a condenação. Nós proclamamos o evangelho: que Deus virou as costas para Sua própria ira, que Seu Filho unigênito morreu a nossa morte e carregou a nossa condenação e assim se mostrou como o Fiel a Deus, que Deus tem misericórdia dos não merecedores, e que não há mais nada que possamos fazer ou contribuir. A única função da nossa fé é *receber* o que a graça de Deus nos oferece.

Mensagem pregada na Igreja Presbiteriana Independente do Estreito no 21 de março de 2010